

DOU  
11-06-97  
SU D 000 10

Sec 1  
11-964-8

DESPACHO Nº 27, DE 9 DE JUNHO DE 1997

Assunto: Processo FUNAI/BSB/1389/97. Referência: Terra Indígena WAWI. Interessado: Grupo Indígena Suyá.  
EMENTA: Aprova o relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena em que se refere, com fulcro no Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996.

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/BSB/1389/97, e considerando o Resumo do Relatório de Identificação, de autoria da antropóloga Mônica Thereza Soares Pechincha que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, decide:

1. Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para afinal, reconhecer os estudos de identificação da Terra Indígena WAWI, de ocupação do respectivo grupo tribal Suyá, com superfície e perímetro aprovados de 149.900 hectares e 228 km respectivamente, localizada no município de Querência, Estado de Mato Grosso.
2. Determinar a publicação no Diário Oficial da União e Diário Oficial do Estado de Mato Grosso, do Resumo do Relatório Circunstanciado, Memorial Descritivo, Mapa e Despacho, na conformidade do § 7º do art. 2º do Decreto nº 1.775/96.
3. Determinar que a publicação referida no item acima, seja afixada na sede da Prefeitura Municipal da situação do imóvel.

JÚLIO MARCOS GERMANY GAIGER

ANEXOS

RESUMO DO RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO  
DA TERRA INDÍGENA WAWI

Referência: Processo FUNAI/BSB/1389/97. Denominação: Terra Indígena Batovi. Localização: Município de Querência, Estado de Mato Grosso. Superfície: 149.900 ha. Perímetro: 228 km. Sociedade Indígena: Suyá. População: 240 pessoas (1996). Identificação e Delimitação: Grupo Técnico - Portaria nº 526, de 5 de julho de 1996, coordenado pela antropóloga Mônica Thereza Soares Pechincha.

Dados gerais

Os Suyá são um dos povos falantes de línguas pertencentes à família lingüística Jê, a maior dentre as que integram o tronco lingüístico Macro-Jê.

Dentre os povos de línguas Jê, há aqueles classificados como Jê do Norte, dos quais fazem parte os Suyá, e que compartilham diversas características, dentre elas: 1) o fato destes grupos habitarem tradicionalmente em grandes aldeias circulares, de proporções muito maiores do que as da maioria dos grupos indígenas das terras baixas sul-americanas; 2) os Jê do Norte possuem todos forma de residência uxoriocal; 3) estes povos possuem um número expressivo de grupos cerimoniais e intensa vida ritual, sendo que a possibilidade destes últimos está diretamente relacionada ao tamanho das aldeias. Na sociedade Suyá, mediante a idéia da socialização do indivíduo como processo de formação, a orientação ritual funda-se predominantemente sobre cerimônias de iniciação e passagem, sendo que a encenação de vários ritos cercam o nascimento de um indivíduo e marcam a sua introdução e transição entre as diferentes classes de idade, até a sua morte; 4) a exceção dos Kayapó, os Jê do Norte, apresentam múltiplas divisões duais, ou os chamados sistemas de metades, cuja afiliação é determinada pelo nome pessoal. Na sociedade Suyá, o nome pessoal confere ao homem o pertencimento a uma das metades Kren e Amban, e o pertencimento a um dos quatro grupos da praça, redutíveis estes às metades sãiko-kambrigi e sãiko-dnto, cada qual incluindo ainda um pequeno grupo, ponirekunawti e atãchi; 5) a liderança e sucessão política estão associadas à descendência. A autoridade dos líderes políticos Suyá advém de sua vinculação a uma facção forte baseada no parentesco.

Os Suyá conferem grande importância ao corpo e a ornamentação corporal está relacionada a faculdades de órgãos e sentidos enfatizadas como socialmente relevantes, notadamente, a audição e a fala, às quais correspondem os discos auriculares e labiais, seus mais notáveis ornamentos. A música é, também, parte fundamental da sua vida social, pela frequência e intrínseca vinculação à atividade ritual.

Na segunda metade do século passado os Suyá se introduziram na bacia do rio Xingu. A partir de então, um intenso contato com os povos indígenas do Alto Xingu implicou em intercâmbios culturais e assimilação pelos Suyá de uma série de práticas e costumes caracterizadamente xinguanos, como as técnicas de processamento de mandioca, o uso de redes para dormir, alguns ornamentos corporais, manufatura de cerâmica, e vários rituais.

Os Suyá contam atualmente com uma população de 233 indivíduos que distribuem-se entre três aldeias: a aldeia maior, Rikô, a aldeia Ngosôgo e a aldeia Wawi. A abertura das duas últimas aldeias mencionadas (e mesmo da aldeia maior) correspondeu à necessidade dos Suyá de reconquista e proteção de parte de suas terras não garantidas por ocasião da demarcação do Parque do Xingu.

Histórico da ocupação

Ao longo de 400 anos o povo Suyá sofreu uma série de migrações, empurrados seja pelo conflito com outros povos indígenas, seja pela expansão da fronteira colonizadora. A sua origem remonta a terras longínquas, localizadas a leste, de onde seguiram atravessando o rio Xingu e depois o rio Tapayúna. Deslocaram-se daí, em seguida, mais para o sul, logo após a cisão entre os Suyá (orientais) e os Tapayúna (Suyá ocidentais), até então constituídos em um único grupo. A data da chegada dos Suyá na área alto-xinguaná do Ronuro é calculada como não anterior ao início do século passado. A permanência dos Suyá naquele rio e a entrada no Xingu teria se dado por volta dos anos de 1850/1860. Os Tapayúna permaneceram mais a oeste, entre os rios Arinos e Sangue até 1970, quando, já havendo sofrido extrema depopulação face à agressividade das frentes de expansão que invadiam suas terras, foram trazidos para o Parque do Xingu.

A história Suyá, desde a sua entrada no Xingu até o alcance da foz do Suyá-Miçu, transcorreu num período de aproximadamente 50 anos, desde a segunda metade do século passado até a primeira década do século atual. A primeira aldeia que tiveram no rio Xingu chamava-se Metuktitã (cuja tradução é "lugar onde muitas pessoas morreram") e ficava às margens de um rio chamado pelos Suyá de Kurupitã (à margem esquerda do rio Xingu, abaixo do PI Pavuru). Era uma aldeia muito populosa. Os Suyá abandonaram-na em razão de uma epidemia que causou grande baixa populacional. Em seguida, os Suyá se instalaram mais abaixo no curso daquele rio, em nova aldeia chamada de Tepsuatongô, área de abrangência do território Trumá, com quem os Suyá tiveram muitos conflitos. Para escapar das constantes brigas com aquele povo, os Suyá desceram, então, o rio Xingu, até se estabelecerem em nova aldeia, Hwinkotitama, abaixo do Posto Diauarum. Fizeram ainda, na mesma época, ou seja, provavelmente na última década do século passado, mais duas aldeias, Hugatsokrô e Dokerentô.

O mais antigo registro histórico sobre os Suyá nos foi fornecido por Karl von den Steinen, viajante alemão que empreendeu duas viagens pelo rio Xingu e afluentes, em 1884 e 1887, respectivamente. Von den Steinen, na primeira destas viagens, esteve numa aldeia Suyá de então, que se localizava próximo à embocadura do Suyá-Miçu com o Xingu, muito provavelmente a aldeia Hugatsokrô. Nesta época os Suyá subjugaram, ou assimilaram, os Yaramã, grupo de língua Karib, e que tinham seu território localizado no alto Suyá-Miçu.

Além dos conflitos com os Yaramã e Manitsawá (a quem também teriam subjugado), quando vivendo em Hugatsokrô e Dokerentô os Suyá sofreram ataques de Kayapó, que eram seus vizinhos pelo norte. Este era também local fronteiriço ao território Jurúna, com quem entabularam relações nem sempre pacíficas. Nesta época os Kamayurá fizeram também guerra aos Suyá. Pressionados, então, pelo norte e pelo sul os Suyá viram-se obrigados a nova mudança, encontrando morada mais a leste, penetrando, desta feita, no Suyá-Miçu, no início do século XX. Desde o momento em que atingiram a boca do Suyá-Miçu, passou-se mais meio século no qual os Suyá estabeleceram o pleno domínio das terras ao longo do curso daquele rio (até as suas cabeceiras) e de seus afluentes.

A primeira aldeia Suyá no Suyá-Miçu foi a Yamuricumã, em seu baixo curso. Logo depois, os Suyá subiram aquele rio e abriram nova aldeia na boca de um seu tributário, o rio Wawi (Santo Antônio). A esta aldeia chamaram de Gaimbikatorotã. Contemporaneamente a abertura desta aldeia na boca do Wawi, os Suyá construíram uma segunda aldeia, mais para o interior em relação à acima referida. Data desta época também a abertura de roças familiares mais além, para o alto curso do Wawi, como a que deu nome ao lugar chamado de Kokoromurotiuro.

Quando moravam na aldeia Gaimbikatorotã, os Jurúna empreenderam contra os Suyá uma terrível investida. Com o auxílio de seringueiros, através dos quais portavam armas de fogo, os Jurúna infligiram um grande ataque à aldeia Suyá da foz do Wawi. Mataram, na ocasião, muitos Suyá. Este acontecimento teria se dado por volta de 1915.

Logo após, os Suyá subiram mais o Suyá-Miçu e fizeram roças sobre um alto barranco em local perto de onde hoje é a aldeia Ngosôgo, local este chamado de Mehurogaikóitirê. Os conflitos com os Jurúna prosseguiram e os Suyá mudaram-se ainda mais a montante no Suyá-Miçu e, na boca do rio Paranalba, fundaram a aldeia do Ngosakati. Logo em seguida, os Suyá resolveram retornar à aldeia da boca do Wawi e sofreram aí, novamente, um ataque dos Jurúna.

Fragilizados diante dos contínuos ataques, os Suyá empreendem uma divisão do grupo: alguns pensaram em voltar para o rio Arinos; outros foram procurar moradia junto aos grupos do Alto-Xingu; outros seguiram para o antigo território Yaramã, na cabeceira do Suyá-Miçu. Foi neste local que os Suyá fundaram uma nova aldeia que chamaram de Horeiongô, no rio Daro. Nesta aldeia no alto Suyá-Miçu nasceu Romndô, o mais velho Suyá vivo. Estavam provavelmente na década de 20 deste século. Por conflitos com os índios do Alto, os Suyá que ali tinham conseguido abrigo-se juntaram aos demais na aldeia Horeiongô. Em seguida, os Suyá construíram duas novas aldeias, uma no Ngosakati (rio Paranalba), a aldeia Saktiasê, na embocadura daquele rio com o Suyá-Miçu, outra no rio Ngotirê (ou Córrego Jandaia). Os Suyá estavam nas aldeias do Ngotirê e Ngosakati até por volta da metade da década de 40. Por volta desta época, os Suyá sofreram um ataque de índios Kayapó, quando tiveram todas as suas mulheres raptadas. Em busca de mulheres, os Suyá fizeram, por sua vez, guerra aos Waurá.

Após este episódio, os Suyá abriram nova aldeia, a Nhôporihirê, às margens do Ngoikahore (rio Jaú), afluente do alto curso do Suyá-Miçu. Esta é a aldeia onde nasceram, entre outros, o cacique Kuyussi e todos os adultos da mesma faixa de idade (aproximadamente 50 anos). Os Suyá já deveriam estar no Nhôporihirê no

final da década de 40.

Temendo uma retaliação a um ataque que empreenderam aos Kayapó, os Suyá abandonaram Nhôporihirê, desceram o rio Suyá-Miçu em busca de um local mais retirado, encontrando o Ngogototi (rio Paca) onde abriram a aldeia Hwinkô, às margens do córrego Amoreiras, afluente do Paca. Foi na aldeia Hwinkô que Kuyussi cresceu. Parte dos Suyá abriu, em seguida, a aldeia Rophwinkokapaitô, subindo o rio Paca. Nesta época, os Suyá tinham pleno domínio dos rios Paca e Amoreiras e das terras entremeadas pelos muitos cursos d'água que aí abundam. Eram também longos os deslocamentos para caça e coleta, a leste e a oeste, estes atingindo as cabeceiras do Wawi, para onde os índios sempre se deslocavam em busca de madeira, buriti, frutos e boa caça. Mais para baixo, na boca do Paca, havia ainda outra aldeia, a Rikô, em lugar onde há muito couro de inajá, como assinala o seu nome.

No Suyá-Miçu, os Suyá consolidaram seu território de ocupação tradicional de forma a atingir o seu limite oriental as cabeceiras daquele rio. Do início deste século até o fim de sua primeira metade, ocuparam intensivamente a região abrangida por este rio e seus afluentes já mencionados.

As aldeias do rio Paca e córrego Amoreiras datam da década de 50, no final da qual foi empreendido pelos irmãos Villas Bôas o contato com os Suyá. A partir de então os Suyá viram inaugurada uma nova fase de sua história, cujo desenrolar se distinguiu significativamente da precedente. O início desta fase assistiu o retorno dos Suyá à região que constituiria o Parque do Xingu, e foi marcada por uma série de comições e situações inéditas: as baixas populacionais causadas por doenças novas, as relações estabelecidas com a administração do Xingu, as relações com os povos antes inimigos traçadas em novas bases e com muito mais proximidade, a perplexidade em verem subtraída parte de seu território tradicional.

O trabalho de contato com os Suyá, em 1959, pelos irmãos Villas Bôas, deu-se por intermédio dos Jurúna que se comunicaram com os Suyá através de uma mulher Suyá que com aqueles vivia. Os Jurúna subiram o rio Paca até a aldeia Rophwinkokapaitô, trouxeram presentes enviados pelos Villas Bôas, que queriam levá-los para próximo da calha do Xingu.

Algum tempo se passou antes de definitivamente se adaptarem à idéia de mudarem-se definitivamente para o Xingu. A razão maior advinha da necessidade de assistência médica devido as doenças adquiridas com o contato. Ao mudarem-se, estabeleceram-se numa aldeia construída no mesmo lugar onde se situava a antiga aldeia Yamuricumã. Logo após esta mudança, os Suyá viram ser aberta a primeira fazenda em suas terras, a fazenda Santo Antônio. Além do afastamento de suas aldeias anteriores, a entrada no Xingu foi momento de muitas outras comições. Muitos velhos morreram doentes. Morreu também o cacique, pai do atual cacique Kuyussi.

No período que se seguiu à entrada no Xingu, os Suyá constantemente voltavam à aldeia Hwinkô para buscar mudas de plantas, banana, rama de mandioca, batatas, pois a comida que tinham estava naquela aldeia. Mas foram logo proibidos pela administração do Parque a persistirem nas visitas às suas aldeias anteriores. Viram-se forçados, então, a fazê-las clandestinamente. Nestas primeiras viagens passaram a assistir - e a reagir - à invasão de suas terras que já se iniciava. Como nunca deixaram de percorrer os seus domínios anteriores à procura de alimentos, de caça, de peixes, de outros recursos só lá encontráveis e já bem conhecidos, como remédios, madeira, etc, os Suyá passaram a acompanhar, a invasão sucessiva de suas terras.

Depois da aldeia Yamuricumã os Suyá mudaram para Hwintitama. O período de permanência nesta aldeia foi curto, pois novamente Cláudio Villas Bôas convenceu aos Suyá a mudarem-se para mais próximo do Diauarum, onde teriam mais proteção e cuidados com a saúde. Foi então que os Suyá se mudaram para Matôro, na embocadura do Suyá-Miçu com o Xingu, em 1970. Nesta ocasião foram trazidos para o Xingu os 41 sobreviventes Tapayúna, ou Suyá Ocidentais, vindos do rio Arinos, vítimas de uma trágica história de contato, na qual, em um curto período, foi dizimada noventa por cento de sua população anterior. Os Tapayúna foram primeiramente acolhidos pelos Suyá.

Depois de Matôro, os Suyá mudaram-se mais para cima no Suyá-Miçu, para a aldeia Setipató, a cinco quilômetros da confluência com o Xingu, em 1971. Os Suyá prosseguiram preocupados com os fazendeiros que chegavam cada vez mais perto. Derrubadas da fazenda Santo Antônio adentravam os limites do Parque. Muitos pescadores também assediavam o baixo curso do rio Suyá-Miçu. Todas estas preocupações levaram os Suyá a querer retomar o domínio daquele rio. Os Suyá mudaram, então, para a aldeia Rikô atual, movidos por estas inquietudes. No período que se seguiu intensificou-se a vigilância dos Suyá, sobretudo quanto ao assédio de grupos de pescadores.

Em períodos recentes a motivação maior para mudanças deve-se à necessidade do resgate de seu território tradicional. Neste esforço de proteção e retomada, e também com vistas ao uso necessário de recursos naturais, os Suyá construíram, em 1994, mais duas aldeias: a aldeia Ngosôgo e a aldeia Wawi, que juntamente com a Rikô constituem as suas três aldeias atuais.

Habitação permanente

A aldeia Rikô localiza-se na margem direita do rio Suyá-Miçu, no interior do Parque Indígena do Xingu, à nordeste. Foi fundada em 1988. Constitui-se numa grande aldeia circular, com dezoito casas distribuídas em seu perímetro. O círculo de casas envolve uma grande praça limpa, em cujo centro encontra-se a casa dos homens. Na praça está também demarcado o campo de futebol, onde os rapazes treinam todas as tardes. Ainda compõem a aldeia uma edificação de madeira, onde funciona a enfermaria e a casa do rádio. Há também uma escola, construída em estilo tradicional tal como as casas Suyá e que se dispõe junto ao círculo destas.

Cerca a aldeia uma grande área limpa cortada por caminhos que levam às roças e áreas de caça mais próximas. Nesta área estão plantadas algumas árvores frutíferas. Em áreas que se estendem para além desta, encontram-se 26 roças divididas por famílias nucleares. Cortam-nas diversos caminhos que levam a áreas de caça distantes. O maior número de roças se sucedem ao longo do curso do Suyá-Miçu, a alguma distância deste. As roças que seguem rio acima atingem a região em que se encontra a foz do rio Wawi. Pelas duas margens do Suyá-Miçu e em longas distâncias, existem várias trilhas de caça, algumas já fora dos limites do Parque.

Os Suyá se autodenominam Me Kin Seji, ou "povo que possui grandes aldeias circulares". De fato os Suyá constróem tradicionalmente grandes aldeias e deixam um grande espaço aberto em torno delas. A disposição espacial das aldeias Suyá divide-se em seis domínios espaciais concêntricos, quais sejam: 1) centro, que corresponde ao centro da praça; 2) o círculo de casas residenciais uxoriocais; 3) a zona não cultivada atrás das casas; 4) o local das roças 5) a região de caça e coleta, cortada por muitas trilhas, que levam a longas expedições, com duração de duas ou mais semanas; 6) a floresta distante. Este espaço compõe um todo explorado, além de constituir-se numa extensa área geográfica socializada e repleta de significados que extrapolam a relação puramente econômica.

Subindo o rio Suyá-Miçu em aproximadamente meia hora de barco a motor, encontramos a segunda aldeia Suyá, também na margem direita, a aldeia Ngosôgo. Já encontra-se fora dos limites do Parque. Habitam-na 17 Suyá, distribuídos em três casas, dispostas em semicírculo (uma quarta casa incendiou-se, por acidente recentemente). Uma estrada de aproximadamente 500 m leva do rio até as casas e, ladeando-a, há uma extensa área aberta onde encontram-se as roças de seus moradores.

A aldeia Ngosôgo foi construída em 1994. A fundação desta aldeia atendeu à disposição dos Suyá em não adiar mais a retomada e a proteção de seu território, e tentar assegurar, desta forma, a perpetuação de seus recursos naturais já muito ameaçados. A aldeia Ngosôgo situa-se exatamente no local de uma antiga roça Suyá.

A terceira aldeia atual dos Suyá, a aldeia Wawi, localiza-se a 50 Km, por terra, da anterior, à margem direita do rio Wawi. Dista em 140 km do município de Querência-MT.

A aldeia Wawi compõe-se de duas casas e uma cozinha. A roça da aldeia ocupa uma área de aproximadamente dois hectares em sua periferia e se estende para o lado do rio Wawi. Habitam-na, permanentemente, 07 Suyá, e sempre um grupo de dez ou mais Suyá se deslocam da aldeia maior e se revezam no Wawi, para garantir a guarda.

Os Suyá há tempos vinham pensando em instalar-se ali, para proteger as águas do rio Wawi e possuir



uma base para a fiscalização das fronteiras Parque. Este projeto seguiu ao conhecimento que tomaram os Suyá, pelos mapas, de estarem as terras do Wawi fora da linha da demarcação do Parque. Mais tarde começaram a observar e a sentir os efeitos da poluição progressiva do rio Suyá-Miçu pelos trabalhos de uma draga, em suas cabeceiras, que visava aprofundar o leito do rio. Os Suyá se sentiram duplamente compelidos a lutar por suas terras tradicionais: urgiam contar com reconhecimento governamental, para sua garantia e preservação, sobretudo em vista dos desmatamentos crescentes na região; tinham e têm como elemento fundamental para a sua sobrevivência a garantia de águas limpas, pelo que insistem tenazmente em estabelecer os limites de suas terras reivindicadas de forma a abranger todas as nascentes do rio Wawi.

Em abril de 1994, os Suyá descobriram que as suas terras às margens do Wawi estavam sendo invadidas. Fazendeiros estavam mandando derrubar as matas nos dois lados do rio. Os Suyá reagiram abrindo a aldeia naquela região. Em vista da manifestação Suyá sobre a invasão de suas terras, em maio de 1994, os fazendeiros Hélio Salvador Russo e José Carlos Ramos Rodrigues, proprietários da fazenda São Pedro da Mata Linda e Santo Antônio do Suyá-Miçu, respectivamente, ambas localizadas às margens do Wawi, entraram com ação de Interdito Proibitório contra o cacique Kuyussi Suyá. Os autores alegavam estarem os Suyá invadindo as fazendas de sua propriedade. Seu pedido liminar foi indeferido pelo MM Juiz Federal.

#### Atividades produtivas

A subsistência Suyá baseia-se fundamentalmente nos produtos da caça, da pesca, da coleta e de suas roças de toco. O ciclo sazonal na região que habitam demarca claramente os períodos de seca e de chuvas, e influi tanto em suas atividades rituais quanto nas produtivas. A alternância das estações e os alimentos que comem são alguns dos fatores de classificação do período anual pelos Suyá. Períodos no ano marcam também épocas de maior abundância ou escassez de alimentos. De acordo com estas estações, diferentes qualidades de alimentos são obtidos, e diferentes técnicas de obtenção são praticadas.

Durante a estação chuvosa, os rios estão cheios e impedem um bom resultado das pescarias. Neste período, os Suyá concentram-se em atividades de caça e coleta. É época também de amadurecimento do pequi, fartamente consumido. Na estação seca, a caça e a coleta não deixam de ocorrer, mas as águas baixas de rios e lagos permitem a plenitude da pesca. É época boa para a pesca com arco e flecha e com timbó. Os rios baixos deixam formar extensas praias neste período repletas de ovos de tracajá, alimento muito apreciado. Os Suyá utilizam as inumeráveis qualidades de peixes que abundam pelos muitos cursos d'água e lagoas da região. A técnica do arco e flecha é atualmente mais usada no Wawi, de águas muito límpidas, ou nos lagos. Os Suyá temem já estar sendo os peixes do Suyá-Miçu envenenados pela sujeira do rio.

Nos períodos sentidos como de maior escassez, os Suyá partem em longas expedições de caça e coleta que podem durar várias semanas e atingir longas distâncias. Quando escasseia a pesca e a caça próximas, ou os alimentos da roça, famílias Suyá deixam a aldeia em busca de distantes áreas de caça, pesca e coleta. A busca de alimentos em grande escala para prover rituais também implica em duradouras expedições.

Os Suyá consomem uma série de de frutas coletadas em diferentes períodos sazonais: em julho, é consumida a fruta kutentisi, que usam para fazer mingau; em agosto, huinkrosi e méberéangkangó; em setembro, os Suyá encontram na beirada do rio a fruta kinini; kutekankri, em outubro. Em novembro aparecem outras qualidades: kranhotonti (ingá), mbonhó (oití) e kranhotonsi (ingazinho). Dezembro é época de huinsutég, huinskantí, fruta muito encontrada no Wawi e huinsgambreti, fruta do campo e das beiradas dos rios. Usam muito também a mbórdó (fruta do jatobá), api, murici e jenipapo, dentre outras.

Quanto à caça, os Suyá apreciam sobretudo, macaco (kokoi), macaco guariba (kupiri), quati (soakó), macaco preto (kokoikasaga), macaco preto "João" (kukoiti), ouriço (ngoisin), anta (kukini), caitetu (angróbeti), veado (ninhati), tatu-canastra (aseti), tatu-pequeno (ntwani), tamandua (hwatxi), cotia (kukeni), paca (ngratxi), porco (angró), onça pintada (rowo), que caçam para tirar o couro, para a confecção de braçadeiras, cintos, e colares de unha e dente, além do osso para furar orelha e lábios), tamanduá-mirim (hwakutáti), capivara (kutumu). Além de várias qualidades de pássaros, alguns comestíveis, outros bons fornecedores de penas e plumas ornamentais: jacu, mutum, macuco, reicongo, arara, tucano, papagaio, jacumim.

A divisão do trabalho entre os Suyá segue a divisão entre os sexos. Aos homens cabe a obtenção da caça, da pesca, a coleta de frutas e mel, e a obtenção de material para a manufatura de objetos e para a construção das casas, esta última também uma sua incumbência. Também está a seu cargo a confecção de uma série de artefatos de uso masculino, como arco e flecha, porrete, canoas e remos. Fabricam também cestas, esteiras e camas; instrumentos musicais (flautas e chocalhos), e ornamentos: todos os ornamentos com penas, ornamentos corporais masculinos, colar de dentes ou unhas, anel de coco.

As mulheres cabe tarefas domésticas, como o preparo dos alimentos e o cuidado das crianças. Ocupam-se também da fiação do algodão e da confecção de redes e outros trançados; do trabalho com cerâmica, na produção de panelas e formas para assar o beiju. Incumbem-se de seus ornamentos pessoais.

Ambos sexos se envolvem e se alternam no trabalho das roças: a derrubada e queimada das roças é tarefa masculina, bem como o plantio de banana, mandioca e cana-de-açúcar. Quem colhe são as mulheres, que também plantam batata doce, cará, abóbora, algodão, mamão, melancia.

Cada família nuclear Suyá planta a sua roça, às vezes mais de uma em locais separados. Os Suyá cultivam uma boa variedade de plantas: bananas de várias qualidades (tiritajetira, kondianhokiriti, ninhati, tiritikabrotire, tiritigaigãire, tiritikakãtíre), tubérculos como cará (ngéro), cará preto (ngérotig), cará margarida; batatas de várias qualidades como kuro, kuhwá, mbraiwetititi, mbraití, jetkambriti, kukocká, jotiti, sanmdóti, jikangoti, jotokiti, karakarakó, jathó, jotsim, kukoiká. Plantam leguminosas, como a fava (mbrokoti) e feijão preto pequeno (mbokrowtsi). Plantam também cana-de-açúcar (krwahotonti), pimenta grande e pequena, várias qualidades de milho (wáci, wáciitiki, wáciokaririti), melancia (waraci), abóbora (katempê), cabaça (ngókóro e ngókónókasaka) e mangaba (péni). Cultivam também várias espécies de mandioca, alimento básico, da qual se aproveita o polvilho e produz-se mingau, tais como a mandioca vermelha kukirewaji ("pé de anta"), e a mandioca kwerékékangriti. Plantam também algodão (katóni), cujo fio é usado na fabricação de redes, enfeites, tipóias, e de uma linha fina (katáteku) para amarrar flecha e pente. E ainda o pequi (hwini) de aproveitamento total, pois come-se a fruta, a castanha, produz-se o óleo, além de ser usado como remédio antidoto contra o veneno da mandioca brava.

As roças são produtivas por um período de dois ou três anos, após os quais novas áreas são derrubadas, formando áreas abertas cada vez maiores em torno das aldeias. Os Suyá mudam o lugar das aldeias basicamente por causa da roça, quando o mato virgem vai sucessivamente se afastando do local de sua moradia. Procuram, então, lugar de boa qualidade de solos, caça, pesca e madeira para construção de suas casas. Atualmente, muitas roças novas estão sendo abertas através do curso do rio Wawi, que possui áreas ricas em terra preta, mais fértil. A técnica de roça de toco exige grandes quantidades de terra disponíveis, continuamente.

Áreas extensas também são percorridas e utilizadas pelos Suyá, freqüentemente fora dos limites do Parque, na busca de diversas palmeiras das quais fazem diferentes usos: do inajá (riki), os Suyá comem o coco, o palmito, fabricam o óleo da semente, utilizam a palha para a cobertura das casas, e também para confeccionar a fita que adorna cabeça dos homens (karangasógo). Do fruto da bacaba fazem um mingau, e do seu caule fazem arco e borduna. Da palmeira buriti (ngriwa), muito rara nas terras do Suyá-Miçu e abundante no Wawi e no Paca, os Suyá usam a fibra para fazer rede de dormir, o fio para o cinto das mulheres, a palha usam para cobrir as casas e para a confecção de máscaras rituais e do cocar sóronti usado na festa mbenguére; comem a fruta, da qual fazem também um mingau. O caule do tucum (róni) é usado para a fabricação de arco e borduna, do coco fazem belas pulseiras, anéis e colares, comem a castanha, extraem-lhe o óleo, comem o palmito, e usam a folha nova na confecção de peneiras e abanadores. De uma espécie espinhosa de buriti (ngwara), comem a fruta, utilizam-na para fazer pontas de flecha, e retiram a cera para passar no fio de algodão. Da macaúba (wótó) comem a castanha, fazem mingau, e usam a folha nova para a confecção da "roupa" usada durante o tawarawaná (ritual). Da banana-brava (tíri), consomem a castanha e usam a folha para enrolar qualquer coisa a ser usada.

Os Suyá saem também em busca de muitas espécies de árvores que usam para diversos fins: da umbaúba retiram a fibra para fabricarem a corda do arco; a fibra da entrecasca da umbira usam para fazer

cestos, caneleiras, e para amarração do esqueleto das casas. Da casca do jatobá fazem suas canoas, e usam também a resina para enfeitar pontas de flecha. A madeira do quino (huinkakoti) é usada na fabricação de remo, arco e cabo de machado, e a casca usam como remédio. Esta árvore, difícil de encontrar, só existe na região do Ngosógo e no Wawi. A madeira tutetigui, serve para confecção de arco, a kaswakamkró, para pilão.

Na construção das casas os Suyá usam outras variedades de madeira: a que chamam de ndóisó é uma madeira dura e comprida que serve para vigas; andotibusí, kukákambrike e huintó também são usadas para vigas; a pindalba (kuákágambreti), para armação do teto; a viga maior do meio da casa é feita da madeira apóro, difícil de encontrar nas proximidades do Rikó, mais facilmente encontrada para cima do Ngosógo e no Wawi. Nas paredes são usadas madeiras leves, como krikrekaré e huinkaikire.

Os Suyá vão longe, no alto Suyá-Miçu, para buscar taquara para flechas, e material para a confecção de vários tipos de peneiras, feitas com bambus só encontráveis nos pantanais daquela área. Exploram também um sem número de ervas que usam como remédios, dentre eles a raiz hwintuktó, que existe exclusivamente na região da antiga aldeia Hwinkô e no Wawi, usada para perturbações estomacais.

Todos os lugares percorridos e utilizados pelos Suyá como mananciais de alimentos e demais recursos de que necessitam, sejam estes no interior do Parque ou muito mais distantes, atingindo os limites de seu território tradicional, são pormenorizadamente conhecidos e nomeados.

O contato com a sociedade nacional não modificou significativamente suas formas habituais de obtenção da subsistência. Os Suyá ainda fazem franco uso destes recursos com finalidades e técnicas conforme vêm praticando desde tempos imemoriais. Os Suyá ainda não estabeleceram até atualmente relações de comércio significativas com a sociedade nacional: produzem basicamente para o consumo, mas auferem algum dinheiro com a venda de artesanato e mel. Não vendem sua força-de-trabalho na região.

#### Meio ambiente

Quando se trata de recursos naturais necessários à sobrevivência dos Suyá, certamente a água limpa é uma preocupação altamente enfatizada e inteiramente justificável. Os Suyá estão atemorizados com a modificação da qualidade das águas do Suyá-Miçu pelo efeito das pesadas explorações agro-industriais que se faz intensivamente em seu entorno. De fato suas águas encontram-se bastante barrentas e insalubres. Tendo suas aldeias banhadas por este caudaloso rio, os Suyá, por esta contingência incontrolável, têm agora um trabalho multiplicado para abastecerem suas casas com água limpa: é no rio Wawi que precisam todos os dias buscar água para beber, sendo obrigados a se deslocar até este em longas viagens de canoa. Águas limpas também sempre foram importantes em práticas muito significativas do modo de vida Suyá como os banhos de rio e sua necessidade para a garantia da saúde, do crescimento e de outros fatores simbólicos.

Os Suyá são um povo que têm seu itinerário histórico traçado ao longo de cursos de rios, sobretudo daquele que leva o seu nome, e suas ramificações, e que é um forte elemento marcador de sua identidade. São componentes essenciais de suas terras tradicionais, destinados ao seu usufruto exclusivo.

A região habitada pelos Suyá, bem como suas terras tradicionais, qualificam-se por constituírem-se em área de floresta tropical, com manchas de cerrado. Estas áreas caracterizam-se por uma diversidade considerável de espécies animais e vegetais, mas com baixa densidade por espécie. Como vimos no item anterior, os Suyá fazem franco uso dos recursos que lhes oferece este ecossistema. O conhecimento pormenorizado das espécies e locais de incidência encontra-se em razão direta à sua necessidade e aproveitamento. A pulverização destas espécies obrigam aos Suyá a longas expedições para o seu provimento.

Períodos sazonais de maior escassez se alternam com outros mais pródigos, principalmente no que tange às atividades de caça, pesca e coleta. A manutenção das formas habituais de obtenção destes recursos exige, obviamente, a possibilidade de manutenção de seus mananciais. Regiões muito ocupadas ou sujeitas à práticas predatórias afugentam ou extinguem a possibilidade de caça e pesca. Os Suyá mesmos se referem à reconstrução do nicho de caça, já no baixo Suyá-Miçu, mediante a sua vigilância nos últimos anos.

Pode-se observar que a leste do rio Paca e ao sul, já é grande a dimensão de áreas desmatadas. De outra forma, as matas do vale do rio Wawi e do baixo Paca apresentam-se praticamente intactas.

Em se tratando de áreas necessárias à preservação dos recursos ambientais necessários à reprodução física e cultural do povo indígena, novamente teremos que retomar ao uso efetivo destes recursos. As práticas tradicionais Suyá têm permitido ao longo do tempo a preservação destes recursos. Parece claro que não só o tamanho da área, mas a forma de seu aproveitamento contam na equação da preservação. Os Suyá nunca deixaram de se utilizar dos recursos encontrados, bem como dos só encontráveis, nas áreas acima mencionadas (Wawi e Paca). Prescindir de alguns destes recursos significaria a sua exposição à carência de recursos essenciais existentes nas terras banhadas pelos rios Wawi e Paca e não encontráveis na região que ocupam dentro do Parque, ecossistema diverso do daquelas. Dentre estes recursos, a palmeira de buriti, praticamente não encontrada no baixo Suyá-Miçu e abundantes no curso do Wawi, de extenso uso. Ou outras palmeiras encontradas e que usam para confecção de adornos rituais e outros objetos de troca intertribal, como colares e pulseiras de cocos. Ai também são encontrados diversos pássaros, dentre eles aqueles cujas penas têm valor especial sobretudo na composição de adornos rituais, como o papagaio e a arara, além de diversas espécies de madeira usadas na construção das casas, bordunas, arcos, remos e canoas, bem como remédios, etc.

O uso das técnicas de roça de toco nas práticas agrícolas Suyá, exige sempre quantidades disponíveis de terras férteis, virgens, em períodos curtos de tempo. Já se encontrando o espaço adjacente à aldeia Rikó bastante explorado por aberturas consecutivas de roças, constatamos que várias roças novas estão sendo abertas às margens do Wawi. As roças Suyá se sucedem até a desembocadura do Wawi no Suyá-Miçu. Outras roças estão sendo abertas mais longe em seu curso, bem como na margem esquerda do Suyá-Miçu, todas apenas pelos habitantes da aldeia maior. A mudança desta aldeia para a beira do Wawi já está sendo cogitada em função da busca de terras férteis. A terra-preta, mais fértil, não se estende de forma contínua por esta região, mas encontra-se espalhada e em maior proporção na altura do Ngosógo e pelo curso do Wawi e do Paca.

#### Reprodução física e cultural

O território indígena e as formas de utilização e adaptação ecológica são definidas segundo os padrões daquela sociedade e compreende aspectos não apenas circunscritos aos indicadores materiais de ocupação do espaço físico. São elementos fundamentais na definição do território tradicional Suyá os sítios de relevância histórica e afetiva, tais como os locais que abrigam seus mortos do passado.

Assim é com respeito ao vale do rio Wawi. Próximo à embocadura deste rio com o Suyá-Miçu os Suyá tiveram duas aldeias. Pode-se encontrar aí cacos de grandes panelas de barro antigas, certamente Suyá, pois nenhum outro povo alto-xinguano habitou aquela região no final do século passado. Em ambas as aldeias da boca do Wawi foram enterrados antepassados dos Suyá.

Seguindo o curso do Wawi acima, há vários locais conhecidos e usados pelos Suyá historicamente: a corredeira Ngosógo; o local chamado Ngosógo Huamboti, onde há uma grande lagoa, local de caça, pesca e coleta; o sítio chamado Nikrakaisé Anitantorótá, local que lembra um episódio passado de um Suyá chamado Nikrakaisé; o igarapé Katotpé, lugar de caçadas e repleto de palmeiras buriti; Ngrwarákó, uma ilha cheia de buritiranas; a trilha para caçadas chamada Wetaginhópó; o sítio histórico de Yanarukitongó, que lembra um episódio ocorrido com um antigo Suyá de nome Yanaru, lugar de muita terra preta; o lugar chamado Hwinkrókiongóló, local onde os Suyá encontram uma madeira pesada que usam para vigas de suas casas; Kokoromorotihuro, local de uma antiga roça Suyá, dos tempos da grande aldeia na boca do Wawi; Kupirihwaitó, excelente mato para caçadas; Pendkatihuro ou Kirombaiketé, que trata-se de uma roça antiga e é local também de muitas ervas usadas como remédios; Songrorokentá, outro local de caçadas; e Krentama, onde há muita terra preta, muito inajá, além de ser ótimo local de caçadas. A aldeia Wawi encontra-se à margem esquerda do alto curso deste rio. As terras que a compõem e cercam são amplamente utilizadas para caça, o plantio de roças e coleta e extração de madeira. Os Suyá se deslocam por toda aquela região com esta finalidade.

A mesma intensa utilização ocorre nas áreas banhadas pelo Suyá-Miçu que se encontram fora do Parque. Subindo o Suyá-Miçu a partir da aldeia Ngosógo, há inúmeros sítios históricos nomeados, além de



outros locais de utilização econômica atual: a cachoeira Ngosôgo, o local Kenpurakuro, um outro local onde há abundância de bacaba, o local Kubentkuro, lugar de roça antiga (uma roça nova foi aberta mais a frente deste e, mais acima, há uma boa área para caça e pesca). Ainda subindo, Tepikambrikktiongo, lugar em que, na época da cheia, os Suyá atravessam para atingir a lagoa piscosa de mesmo nome. Ainda encontra-se acima Wácirokrontó, antigo milharal, e Karikatórotó, uma ilha que guarda antigas histórias. Seguindo, encontra-se um lugar rico em taquara para a confecção de flechas, chamado Horéhusikó. No baixo curso do rio Paca, a ilha Hotoaci e, em seguida o lugar chamado Kwotiahoro, nome de um córrego. É lugar onde os índios encontram boa madeira para arco e taquara para flecha. Mais acima, Apôro, também nome de uma madeira pesada que usam para a construção de suas casas e que aí encontram. Neste local os Suyá costumam acampar quando empreendem as suas viagens por este mesmo rio em busca de recursos necessários, e de peixes, arraias e tracajás. Bem mais acima, as aldeias Rikó, Rophuinkokapaitó e Hwinkó (Pequizal), já no Amoreiras.

A totalidade de terras abrangidas por estes sítios é imprescindível à reprodução física e cultural dos Suyá. Muito ainda o são pela memória emotiva que evocam. Esta fica muito clara com relação à "Aldeia Velha", Hwinkó, onde se encontram muitos pés de pequi plantados pelo Suyá no passado, cujos frutos buscam até hoje. Na aldeia Hwinkó os Suyá ainda buscam também uma erva medicinal considerada de alta necessidade. Buscam também taquara para flechas, palha de buriti, cipó e bambuzinho para fazer peneira, além de banana que, pela qualidade da terra aí sempre brota. A aldeia Hwinkó é também cemitério de muitos mortos Suyá. Vários antepassados Suyá jazem nas aldeias antigas no curso do rio Paca. Esta é uma razão porque lhe atribuem o qualificativo de lugar sagrado. É também lugar onde nasceram muitos Suyá, e onde se criaram todos os homens e mulheres Suyá hoje na faixa etária de aproximadamente cinquenta anos.

Desde o final do século passado até a segunda década deste, a população Suyá passou por uma fase aguda de depopulação. A primeira referência sobre o número da população Suyá nos foi deixada por von den Steinen, que os calculou, em 1884, em número de 150. Assim os encontrou após a grande epidemia que os abateu quando estavam na anterior aldeia Metuktitá. O mesmo com relação à aldeia posterior da boca do Wawi, onde os Suyá sofreram o terrível ataque Jurúna. E depois o ataque de Kayapó, que levou suas mulheres e crianças e matou muitos homens.

No intervalo que se segue até a data do contato feito pelos Villas Bôas há uma longa lacuna no que diz respeito a dados históricos - e populacionais - registrados sobre este povo. Já em 1960, os Suyá eram em número de 58; 60, em 1963; 65, em 1967; 90, em 1973; 143, em 1982; 213, em 1995; 233, em 1996. É notável o crescimento Suyá nas três últimas décadas. Esta população quadruplicou nos 36 anos de contato. Os Suyá têm apresentado uma taxa de aumento populacional, por década, em torno de 60%, um nível ótimo.

Pelo acesso que hoje contam à assistência à saúde, não há porque pensar em quedas nestas taxas. Vários indicativos apontam para a probabilidade de que, em pouco mais de uma década, a população Suyá venha a dobrar: o grande número de jovens e crianças (60% da população); 33% dos Suyá encontram-se em idade de procriação; 18% da população atual encontra-se em idade próxima ao casamento.

Levantamento fundiário

Sobre a parcela do território tradicional Suyá objeto de sua reivindicação atual incidem 11 títulos de propriedades particulares. Cabe sublinhar que toda esta região de terras indígenas foi alienada ilícitamente pelo Estado do Mato Grosso nas décadas de 1950 e início de 1960, conforme atesta a documentação a elas referente.

Grande parte destas propriedades encontra-se ainda sem vestígios de ocupação, compondo-se de matas intactas. Observa-se que o vale do rio Wawi, em quase sua totalidade, bem como as terras oeste do baixo curso do rio Paca sofreram bem pouca interferência de ocupações não indígenas, mantendo-se, portanto, em estado bastante conservado.

A área de benfeitorias corresponde a:

- 1) Fazenda Santo Antônio do Suia Missu, com área de 31.200 ha. Incide na totalidade sobre os limites reivindicados. Os Suyá ocupam permanentemente esta área, sobre a qual está localizada a aldeia Ngosôgo. Não há ocupantes não-índios. As poucas benfeitorias feitas por não-índios, há muito abandonadas, encontram-se bastante prejudicadas. Esta fazenda encontra-se bem próxima do limite do Parque do Xingu. No processo de resgate territorial Suyá, foi a primeira área a ser por eles reocupada.
2) Fazenda São João, com área de 33.987 ha, também incide na totalidade nos limites reivindicados. Há aí construções, estradas e pastagens. Ocupam-na atualmente os empregados dos proprietários.
3) Fazenda Amoreiras, com área de aproximadamente 26.711,18 ha, sendo que uma parte considerável, adjacente ao rio Wawi, constitui-se de matas intactas. Há construções, estradas e pastagens, dentre outras benfeitorias. Esta fazenda localiza-se sobre a antiga aldeia Hwinkó (Pequizal). Ocupam-na atualmente os empregados dos proprietários.
4) Fazenda Rica, da qual incidem na área reivindicada apenas aproximadamente 1.200 ha de pasto em estado precário, além de uma pequena mata, nos quais encontram-se duas cabeceiras do rio Wawi e uma terceira nascente que corre no sentido do rio Paca.
5) Fazenda São Caetano, com área de 6.447 ha, incide na totalidade sobre a área reivindicada. Encontra-se em área completamente banhada pelo rio Wawi, abrangendo suas cabeceiras. Há construções, estradas e pastagens. É ocupada atualmente por um empregado dos proprietários.

Os Suyá ocupam permanentemente o local correspondente às fazendas São Pedro da Mata Linda e fazenda Antônio Mendonça, onde localiza-se a aldeia Wawi. Constitui-se em área praticamente intacta, havendo apenas pequena derrubada abandonada em virtude da reação dos Suyá contra esta intrusão em seu território tradicional, em 1994. Não há ocupantes não-índios. Incidem na totalidade sobre os limites reivindicados.

Conclusão

A parte do território tradicional Suyá ora por eles reivindicada corresponde à uma superfície aproximada de 149.00 ha e à aproximadamente 288 km de perímetro. A oeste, limita-se com o Parque Indígena do Xingu; a sul, em parte limita-se com a fazenda Rica; a oeste, o limite é configurado pelo Córrego Amoreiras e rio Paca, descendo até a embocadura deste último com o Suyá-Miçu. Subindo ainda o Suyá-Miçu, acrescenta uma pequena porção de terras em sua margem esquerda, também limítrofe ao Parque.

O critério básico na definição deste território encontra-se, obviamente, no fato desta porção de terras constituir-se em território tradicional Suyá, de sua ocupação permanente e, portanto, destinada a seu usufruto exclusivo conforme determina o artigo 231 da Constituição Federal. São também terras necessárias às suas atividades produtivas, à sua reprodução física e cultural, bem como áreas imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais.

A origem da reivindicação Suyá fundou-se na necessidade que sentiram de ter reconhecida parte de seu território tradicional, parte esta fundamental para o resguardo das terras e rios que constituem mananciais de alimentos e outros recursos necessários e destinados a diversos usos. É também área necessária à proteção integral pelo menos das águas do rio Wawi. Grande parte da área definida corresponde a uma porção de terras cujas características naturais encontram-se praticamente intactas e, portanto, manancial de alimentos e matéria-prima necessárias aos Suyá. Os rios Suyá-Miçu, Wawi e Paca e as terras de seus vales nunca deixaram de ser intensamente explorados pelos Suyá em suas diversas atividades produtivas. As formas de ocupação e utilização deste território, bem como a toponímia Suyá correspondente, comprovam a ocupação permanente e atual dos Suyá da área reivindicada.

A área sob reivindicação Suyá é incalçavelmente de sua ocupação tradicional. Esta área foi objeto de titulação indiscriminada pelo Governo do Mato Grosso nas décadas de 50 e 60, época em que era público o conhecimento destes territórios indígenas. Cabe lembrar que no momento da alienação destas terras indígenas, ou mais precisamente até 1959, os Suyá estavam justamente lá, nestas suas terras hoje reivindicadas, de onde foram levados para o interior do Parque do Xingu.

O direito à posse destas terras nunca deixou de ser considerado pela comunidade Suyá. Apesar de retirados destas suas terras tradicionais, a elas têm ocorrido constantemente na busca de caça e pesca, além de outros recursos necessários à sua sobrevivência, como pode-se apreender a partir de seus relatos, bem como da

confirmação de seus novos ocupantes não-índios, que não negam o constante deslocamento dos Suyá pelas terras e rios da região. Permanecem constantes, igualmente, as visitas ao Pequizal (aldeia Hwinkó, ou Aldeia Velha), por todos estes fatores, bem como pela manutenção da memória dos seus antepassados ali enterrados; visitas confirmadas por todos os não-índios da região, inclusive pelos proprietários da fazenda que sobre aquela aldeia se instalou. Os limites definidos incluem esta aldeia, bem como as demais aldeias antigas do Paca. Constitui parte deste resumo o Memorial Descritivo e o Mapa da Terra Indígena, em anexo.

MÔNICA THEREZA SOARES PECHINCHA

DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS - DAF
DEPARTAMENTO DE DEMARCAÇÃO - DEM

Memorial Descritivo De Delimitação

Denominação
Terra Indígena Wawi
Aldeias Integrantes
Gossogo, Pequizal, Wawi
Grupo Indígena:
Suyá
Localização

Município : Querência
Administração Regional: ADR São Félix Do Araguaia
Estado : Mato Grosso

Coordenadas dos Extremos

Table with 3 columns: Extremos, Latitude, Longitude. Rows for Norte, Leste, Sul, Oeste.

Base Cartográfica

Table with 4 columns: Nomenclatura, Escala, Órgão, Ano. Rows for SC-22-Y-C-II, SC-22-Y-C-III, SC-22-Y-C-V, SC-22-Y-C-VI, SC-22-Y-A-II e SC-22-Y-A-III.

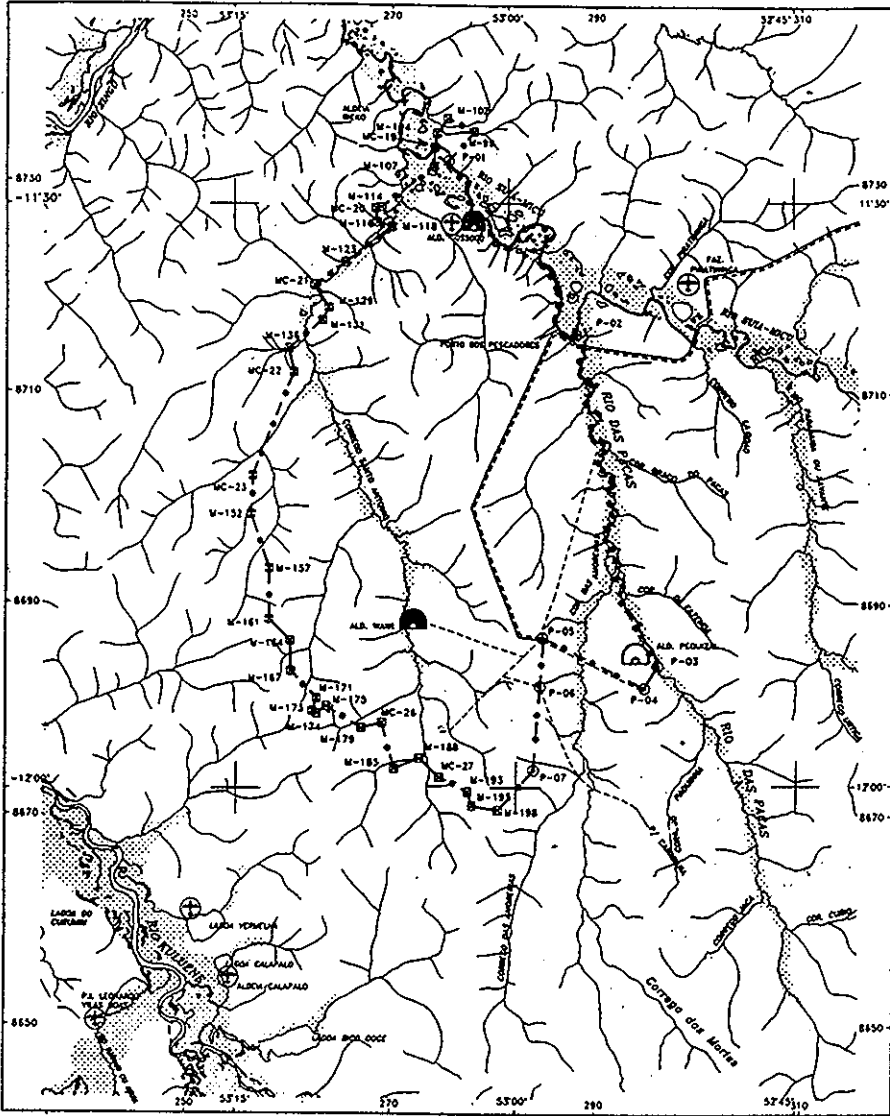
Dimensões

SUPERFÍCIE : 149.900 ha (cento e quarenta e nove mil e novecentos hectares) aproximadamente.
PERÍMETRO : 228 km (duzentos e vinte e oito quilômetros) aproximadamente.

Descrição do Perímetro


NORTE: Partindo do Marco M-102 de coordenadas geográficas 11°25'35,998" S e 53°03'34,160" Wgr.; segue por uma linha reta, até o Marco M-99 de coordenadas geográficas 11°26'17,437" S e 53°02'02,664" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 222°56'13" e 3.840,24 metros, até o Ponto Digitalizado 01 de coordenadas geográficas aproximadas 11°27'47" S e 53°03'32" Wgr., localizado na margem esquerda do Rio Suia-Miçu; daí segue por este, a montante, até o Ponto Digitalizado 02 de coordenadas geográficas aproximadas 11°36'45" S e 52°56'40" Wgr., localizado na confluência do Rio das Pacas com o Rio Suia-Miçu. LESTE: Do ponto antes descrito, segue pelo Rio das Pacas, a montante, pela sua margem esquerda, até o Ponto Digitalizado 03 de coordenadas geográficas aproximadas 11°53'47" S e 52°52'21" Wgr., localizado na margem do citado rio. SUL: Do ponto antes descrito, segue por uma reta, até o Ponto Digitalizado 04 de coordenadas geográficas aproximadas 11°54'55" S e 52°53'03" Wgr.; daí segue por uma linha reta, até o Ponto Digitalizado 05 de coordenadas geográficas aproximadas 11°52'18" S e 52°58'32" Wgr.; daí segue por uma linha reta, até o Ponto Digitalizado 06 de coordenadas geográficas aproximadas 11°54'49" S e 52°58'41" Wgr.; daí segue por uma linha reta, até o Ponto Digitalizado 07 de coordenadas geográficas aproximadas 11°59'07" S e 52°59'03" Wgr.; daí segue por uma linha reta, até o Marco M-198 de coordenadas geográficas 12°01'07,997" S e 53°00'56,886" Wgr.; daí, segue por uma linha reta, com azimute e distância de 278°48'35,6" e 2.642,60 metros, até o Marco M-195 de coordenadas geográficas 12°00'54,203" S e 53°02'23,096" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 339°11'49,5" e 1.384,19 metros, até o Marco M-193 de coordenadas geográficas 12°00'11,986" S e 53°02'39,026" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 295°24'17,9" e 3.159,46 metros, até o Marco MC-27 de coordenadas geográficas 11°59'27,193" S e 53°04'13,006" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 317°19'49,2" e 2.649,09 metros, até o Marco M-188 de coordenadas geográficas 11°58'23,383" S e 53°05'11,852" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 245°13'14,1" e 2.744,49 metros, até o Marco M-185 de coordenadas geográficas 11°59'00,190" S e 53°06'34,480" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 345°51'46,1" e 4.425,69 metros, até o Marco MC-26 de coordenadas geográficas 11°56'40,298" S e 53°07'09,111" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 256°28'32,3" e 2.081,10 metros, até o Marco M-179 de coordenadas geográficas 11°56'55,625" S e 53°08'16,087" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 301°13'20,2" e 3.954,69 metros, até o Marco M-175 de coordenadas geográficas 11°55'48,079" S e 53°10'07,292" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 231°25'35,9" e 1.175,90 metros, até o Marco M-174 de coordenadas geográficas 11°56'11,696" S e 53°10'37,854" Wgr. OESTE: Do marco antes descrito, segue por uma linha reta, com azimute e distância de 289°39'31,3" e 510,07 metros, até o Marco M-173 de coordenadas geográficas 11°56'03,372" S e 53°10'52,432" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 19°47'25,5" e 1.280,54 metros, até o Marco M-171 de coordenadas geográficas 11°55'24,285" S e 53°10'37,795" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 316°08'20,5" e 3.586,93 metros, até o Marco M-167 de coordenadas geográficas 11°53'59,510" S e 53°11'59,225" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 348°41'18,6" e 2.557,78 metros, até o Marco M-164 de coordenadas geográficas 11°52'37,788" S e 53°12'15,140" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 326°25'57,5" e 2.860,81 metros, até o Marco M-161 de coordenadas geográficas 11°51'19,833" S e 53°13'06,758" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 359°27'55,1" e 4.842,39 metros, até o Marco M-157 de coordenadas geográficas 11°48'42,297" S e 53°13'06,980" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 340°19'06,7" e 5.415,17 metros, até o Marco M-152 de coordenadas geográficas 11°45'55,954" S e 53°14'05,860" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 02°26'07,4" e 3.610,67 metros, até o Marco MC-23 de coordenadas geográficas 11°43'58,639" S e 53°13'59,849" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 21°51'01,1" e 10.625,60 metros, até o Marco MC-22 de coordenadas geográficas 11°38'38,808" S e 53°11'46,768" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 348°07'45,7" e 2.292,72 metros, até o Marco M-136 de coordenadas geográficas 11°37'25,697" S e 53°12'01,759" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 49°41'54,7" e 4.228,32 metros, até o Marco M-131 de coordenadas geográficas 11°35'57,525" S e 53°10'14,655" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 26°50'14,1" e 1.320,50 metros, até o Marco M-129 de coordenadas geográficas 11°35'19,343" S e 53°09'54,688" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 326°50'16,4" e 2.523,69 metros, até o Marco MC-21 de coordenadas geográficas 11°34'10,270" S e 53°10'39,706" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 54°20'18,3" e 3.698,72 metros, até o Marco M-123 de coordenadas geográficas 11°33'00,857" S e 53°09'00,021" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 38°24'41,2" e 4.855,50 metros, até o Marco M-118 de coordenadas geográficas 11°30'57,809" S e 53°07'19,562" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 354°30'36,5" e 1.342,69 metros, até o Marco M-116 de coordenadas geográficas 11°30'14,295" S e 53°07'23,473" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 77°23'44,6" e 542,55 metros, até o Marco MC-20 de coordenadas geográficas 11°30'10,570" S e 53°07'05,979" Wgr.; daí segue por uma linha reta,

com azimute e distância de 151°34'42,1" e 2.124,69 metros, até o Marco M-114 de coordenadas geográficas 11°31'11,607" S e 53°06'33,073" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 34°47'57,7" e 7.051,24 metros, até o Marco M-107 de coordenadas geográficas 11°28'04,175" S e 53°04'18,940" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 01°45'08,1" e 1.850,41 metros, até o Marco MC-19 de coordenadas geográficas 11°27'04,012" S e 53°04'16,635" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 09°49'58,4" e 1.324,32 metros, até o Marco M-104 de coordenadas geográficas 11°26'21,610" S e 53°04'08,868" Wgr.; daí segue por uma linha reta, com azimute e distância de 36°29'06,3" e 1.752,91 metros, até o Marco M-102, início da descrição deste perímetro. Responsável técnico pela Identificação dos limites: Mário dos Santos Alves, Técnico em Agrimensura, DEM/DAF/FUNAI.



SINAIS CONVENCIONAIS

- o — TERRA INDÍGENA DECONTADA
- — MARCO, PONTO DEFAZOR DE LIMITE
- curso d'água
- ALDIA INDÍGENA
- ⊕ — CAMPO DE POUSO
- ALDIA INDÍGENA ANTIGA

 <p>MINISTÉRIO DA JUSTIÇA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS - DAF</p>			
DENOMINAÇÃO <b>TERRA INDÍGENA WAWI</b>		PLANTA: <b>DELIMITAÇÃO</b>	
MUNICÍPIO QUERÊNCIA		SUPERFÍCIE APROX.: 149.900 ha	PERÍMETRO APROX.: 228 km
ESTADO MATO GROSSO		ESCALA: 1/500.000	DATA: 16/10/96
ADM. REGIONAL S. FELIX DO ARACUAIA		PROCESSO: M-1192, 1245, 1818 M-1126, 1872, 1974	
TÉCNICO RESPONSÁVEL PELA DEFINIÇÃO DOS LIMITES MÁRIO DOS SANTOS ALVES TÉCNICO EM AGRIMENSURA DEPARTAMENTO - DEM/DAF	TÉCNICO RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO DOS MAPAS MÁRIO DOS SANTOS ALVES TÉCNICO EM AGRIMENSURA DEPARTAMENTO - DEM/DAF	VISTO CHEFE DO DEPTO: <i>[Assinatura]</i>	PORTARIA Nº: